

RESENHA DO LIVRO

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Emoções, Sociedade e Cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia.** Curitiba: Editora CRV, 2009.

Produzida por Rosinete V. Schmitt¹

rschmitt@gmail.com

O autor Mauro Guilherme Pinheiro Koury é antropólogo, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, e considerado um dos pioneiros no estudo da antropologia e na sociologia das emoções no Brasil. É coordenador também do *Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções* (GREM), fundado em 1994, cujo objetivo principal é estudar os costumes, os comportamentos, as atitudes, as percepções, as representações e o imaginário oriundos de sociabilidades emergentes no processo de constituição da sociedade ocidental a partir do século XIX.

Ao ler pela primeira vez o título da obra aqui apresentada, *Emoções, Sociedade e Cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia*, eu tive a impressão de se tratar de uma análise geral dos estudos da Sociologia acerca do tema enunciado. No entanto, fui surpreendida já na introdução, onde o autor anuncia o seu objetivo de apresentar a Sociologia das Emoções, como um campo disciplinar da Sociologia Geral e das Ciências Sociais, que vem se consolidando nos últimos anos.

Este livro apresenta-se, ao menos para mim, como um mapeamento de um campo pouco conhecido. Ao ler tive a impressão de receber do autor, a informação de pontos centrais para iniciar o desenho de um mapa. Analogicamente, é como se o autor informasse de um lugar existente, mas pouco conhecido, do qual precisaríamos deste “mapa”, para nos guiar pelo seu conhecimento. Ou melhor, nos propõe o reconhecimento e a localização no campo científico, de uma categoria (as emoções), que nos é cara nas pesquisas que tratam das relações humanas.

O livro busca, segundo o autor, apresentar um estado da arte, ainda que de forma sucinta, introduzindo os leitores à disciplina da Sociologia das Emoções. Está organizado em três capítulos. No primeiro apresenta como os autores da Sociologia Clássica trataram a

¹. Professora da Rede Municipal de Educação do município de Florianópolis na área da Educação Infantil, membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância da Universidade Federal de Santa Catarina – NUPEIN/UFSC, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC na linha Formação de Educadores.

categoria das emoções, ainda que esta não seja referenciada como objeto central de seus estudos; o segundo apresenta os principais trabalhos e ideias da atual Sociologia das emoções e ; o terceiro e último capítulo apresenta os estudos realizados no Brasil.

No primeiro capítulo o autor revisita os clássicos dando visibilidade à forma como era concebida a emoção, indicando os elos precursores da atual Sociologia das Emoções. De forma didática, divide o capítulo em três blocos. O primeiro trata das ideias de Durkheim, Marx, Mauss; no segundo traz os principais conceitos de Simmel e Weber que auxiliam e influenciam os estudos da intersubjetividade, o terceiro, Gabriel Tarde como um autor que necessita ser revisitado para ampliação dos estudos sobre as relações inter-psíquicas e intersubjetivas.

Segundo o autor, a categoria da emoção é vista como um fundamento implícito nas análises dos autores clássicos. Uma espécie de pano de fundo na discussão sobre a relação dos indivíduos e a sociedade, e não propriamente como um objeto de pesquisa em si.

Antes de apresentar as principais ideias dos autores selecionados, observa que a perspectiva destes é, de maneira geral, influenciada pelas mudanças ocorridas na modernidade ocidental do final do século XIX e início do século XX, com a emergência do individualismo e do indivíduo moderno, com a consolidação e expansão do capitalismo e com a revolução científica. Neste contexto, a racionalidade e a emoção são vistas como formas diferentes e opostas de se relacionar com o mundo.

Esta polarização é exemplificada na apresentação das ideias de Durkheim, que possuía como preocupação fundamental, a diferenciação dos campos da Fisiologia, da Psicologia e da Sociologia, a fim de criar ou identificar o campo analítico específico deste último. Esta especificação dos campos toma como base a separação entre a natureza e a sociedade, pela diferenciação dos estados fisiológico e psicológicos do estado societal.

Durkheim e Marx, ainda que partindo de pressupostos teóricos diferentes, apresentam uma visão de exterioridade na fundação do indivíduo social. Isto significa que estes autores pensam o indivíduo social enquanto coletivo, a partir de uma totalidade exterior. Em Marx “as bases econômicas, em última instância, é que conformariam o estado evolutivo de uma sociabilidade e o perfil dos indivíduos nela inseridos.” (p:16). Já para Durkheim, a moral é o fundamento da organização social, ou seja, algo exterior, que molda o indivíduo.

As emoções, em Durkheim, são entendidas como produtos da sociedade, ainda que negociadas por processos mentais e fisiológicos de cada indivíduo formado socialmente. O livro *O Suicídio*, deste autor, é uma obra indicada nesta análise dos sentimentos, sob uma perspectiva histórica. Nesta, Durkheim defende que: quando as condições sociais não proporcionam metas sociais que possibilitem o engajamento dos sujeitos, ou regras sociais claras, a saúde sociopsicológica dos indivíduos é afetada, o que levaria os indivíduos mais frágeis ao suicídio. Na análise crítica apresentada, esta obra deixa muitas perguntas no ar, sobretudo pela dificuldade de expor as formas como os indivíduos percebem, interpretam ou

respondem as condições sociais, e também não explica o que levam uns, e não todos, a cometerem o suicídio.

Segundo o autor, a explicação de Durkheim pautada na exterioridade dos fenômenos sociais nesta obra, ignora as tensões simbólicas e individuais, o que tangencia a análise social das emoções, comprometendo seu próprio estudo. Já na obra *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim, segundo alguns analistas, apesar de ainda apresentar uma perspectiva universalista e generalizante, avança em sua análise teórica, ao indicar a descoberta do simbólico. Esta obra é bastante revisitada pelos teóricos na fundação do campo da Sociologia das Emoções, e tomada como referência na formação de suas bases teóricas.

A discussão sobre o simbólico encontra continuidade nas obras de Marcel Mauss, apresentadas em seguida. Este autor, embora ligado às ideias de Durkheim, estabelece um novo olhar na pesquisa em ciências sociais ao aprofundar a categoria do simbólico enquanto elemento de configuração social. O conceito de inconsciente coletivo é apresentado como uma das marcas de suas análises, na constituição do indivíduo social, e como ponte para compreensão da categoria das emoções em seus estudos.

Isto porque o conceito de emoções, em Mauss, varia segundo as expressões socialmente aceitas em um tempo e em um lugar de uma sociabilidade exercitada, fazendo parte de um conteúdo cultural determinado e presente em todos os indivíduos sociais, que compartilham essa mesma rede de relações. Ou seja, o inconsciente coletivo.

Neste sentido, “os indivíduos sociais apreenderiam os significados culturais das emoções antes mesmo de vivenciarem toda e qualquer emoção, como uma categoria implícita e inconsciente construída socialmente em um tempo e um espaço específico” (p: 20) No entanto é preciso perceber que para Mauss, o indivíduo ao experimentar qualquer forma e conteúdo emocional, impregna um novo significado sobre o significado coletivo já expresso, permitindo atualizar sempre o significado contido no conceito cultural inconsciente das emoções em geral, sem deixar de imprimi-lo e dar a ele continuidade e presença. Ou seja, o indivíduo e a coletividade se complementariam.

No segundo bloco do capítulo, são apresentadas as principais ideias de Simmel e Weber. Estes, ainda que influenciados pelo mesmo ambiente social, seguiram caminhos diferentes de Durkheim, Marx e Mauss. Eles colocaram as emoções em um lugar central no quadro teórico e metodológico por eles elaborados. O que torna esses autores extremamente importantes para a constituição da Sociologia das Emoções.

“Weber considera que toda a ação indivíduo é uma ação provida de sentido, e o sentido demonstra um elemento racional no ato do sujeito, produzindo possibilidades emotivas e sendo produto das emoções.” (p: 27) Assim, a ação e reação presentes na interação social são movidas pelo aspecto subjetivo e emocional dos sujeitos que se relacionam. Contudo, adverte que elas são movimentadas também por dispositivos sociais cristalizados de trocas anteriores,

que fundamentam uma tradição e uma racionalidade social abstrata. Mas, estas também são produtos das relações entre os indivíduos e são constituídas por remodelagens simbólicas entre as diversas instâncias sociais. Em suma, tanto para Weber como para Simmel “não existe uma determinação do e no social, e sim uma história que se faz a partir dos próprios indivíduos em ação, onde a subjetividade é o elemento fundamental que movimenta a criação social.” (p: 30)

No terceiro e último bloco deste capítulo, são apresentadas as ideias de Gabriel Tarde, que segundo o autor, começam a ser revisitadas por alguns teóricos a partir da década de 1990. Este autor possui como principal interesse a compreensão da relação entre os indivíduos e a sociedade através das relações intersubjetivas e intersíquicas. A perspectiva deste autor dá primazia aos indivíduos na relação social, na criação e formação de processos sociais que são considerados sempre instáveis. Isto porque, na análise de Tarde, os processos relacionais vivem sempre em tensão, entre a conservação e a inovação. Estes processos, segundo o autor citado, “nunca se determinam por si ou em si mesmos, mas, sempre de forma conflitual, habitam um espaço de adaptação ou de adequação dependente do conjunto hegemônico das forças em interação em um dado momento” (p:34) neste sentido, o autor dá ênfase a três categorias: repetição, oposição e adaptação. Estas fazem de um jogo circular em todos os fenômenos sociais.

Dentro da análise destas categorias, presentes nos estudos de Tarde, a subjetividade e a emoção são vistas como elementos significantes dos indivíduos sociais e suas relações. Desta forma há uma expansão das discussões sobre a sociedade, quando o social é compreendido como espaço de subjetividade que se realiza na forma comunicacional, através das trocas subjetivas.

A apresentação destes autores, divididos em três blocos, possui o propósito de anunciar os pressupostos teóricos e metodológicos e modelos analíticos utilizados pela Sociologia das Emoções. Compreende o autor que, embora com olhares epistemológicos diferentes, os clássicos apresentados partem de um suporte comum, qual seja: a preocupação com a identidade fragmentária e as rupturas com as bases sociais vigentes. Preocupações presentes na Sociologia das Emoções, que possui como base, a leitura da intersubjetividade através da categoria emoção.

No segundo capítulo o autor apresenta os pressupostos teórico-metodológicos que configuram, atualmente, o campo da Sociologia das Emoções.

Inicia com um breve histórico acerca de seu surgimento na década de 1970, nos Estados Unidos e na Inglaterra, a partir do surgimento de novas perspectivas teóricas que buscavam ampliar as análises sociológicas para além da lógica linear estruturalista. A Sociologia das emoções é definida como um campo preocupado com os fatores sociais que influenciam a esfera emocional.

Como todo campo, não há necessariamente, uma convergência, ou mesmo harmonia entre seus adeptos. Sua configuração é permeada por conflitos e tensões acerca das escolhas dos caminhos teóricos e metodológicos que melhor se adequariam na análise da relação entre emoções e sociedade. Essas tensões são oriundas da formação de duas posições teóricas e metodológicas que dividem o campo entre: as análises de cunho positivista e as de cunho antipositivista. Na primeira estão os autores que atribuem mais importância aos aspectos biológicos das emoções em relação à sociedade. Estes tendem a ver as emoções sob uma perspectiva positivista, de cunho mais quantitativo. Enquanto, na segunda, os antipositivistas destacam, em seus estudos, os aspectos socioculturais e os sentidos atribuídos pelos sujeitos sociais e suas experiências emocionais.

Observa o autor, que para dar visibilidade aos contornos deste campo, é necessário perguntar como, e a partir de quais filtros, esta disciplina toma como base as fontes clássicas, e quais os elementos sínteses que a representaria como herdeira da tradição da sociologia geral.

Na primeira parte deste capítulo, apresenta autores como Randall Collins, Michael Hammond, Stven Gordon, Ian Burkitt, Anne Warfield Rawls, que consideram que o campo da Sociologia das Emoções se constitui potencialmente, desde o nascimento da sociologia como campo científico, a partir do reconhecimento de um conceito de emoção social nas obras de Durkheim, Mauss, Simmel, Weber. Estes autores são influenciados, fundamentalmente, pela sociologia de Durkheim, através de releituras, que segundo eles, ajudam a aprofundar o conceito de intersubjetividade. Os seus estudos são compostos por análises da relação entre o micro e o macrosocial.

Os herdeiros de uma análise baseada em Mauss, teriam como conceito chave em seus estudos, o inconsciente coletivo, ampliado pelo conceito de habitus de Bourdieu. Ou seja, parte da ideia de que haveria um imaginário social que sedimentariam as tradições e permitiria, concomitantemente, novas elaborações e ações individuais, em processos considerados permanentemente tensos entre indivíduos e sociedade. As trocas sociais seriam permeadas por uma etiqueta social que orientaria e conduziria os indivíduos nas ações sociais em um dado tempo e espaço. Desta forma, os sentimentos seriam constructos sociais, simbólicos, integrando os atores numa dada sociabilidade. O autor Louis Dumont seria visto como seguidor desta linha de pensamento.

Em seguida, a perspectiva interacionista aparece como um importante caminho analítico para os estudos da Sociologia das Emoções. Alguns autores são citados como seguidores desta perspectiva, como Candace Clark, Arlie Hochschild, Susan Schott, Klack Katz. Esta perspectiva se desenvolve sobre tudo nos Estados Unidos, influenciados pela Escola de Chicago, que era composta por teóricos, como George Mead (fundador da Psicologia Social) e Robert Park (fundador da Ecologia Urbana) seguidores das ideias de Simmel. As ideias destes autores tem como principal preocupação o aprofundamento do conceito de intersubjetividade.

A intersubjetividade, segundo a análise do autor, envolve a perspectiva da pessoa, de um grupo de pessoas, ou uma instituição, na relação com outros, grupos ou pessoas.

As pesquisas que partem desta perspectiva se caracterizam pelas análises microssociais, das relações imediatas entre os indivíduos, em um conjunto societário específico, e buscam entender as emoções em jogo no processo interativo. Desta forma as emoções são compreendidas como elementos sociais. Considera o autor ainda, que estas pesquisas dão prioridade “para os processos sociais, morais culturais de onde as emoções emergem, e suas condições de formação e ação social através dos indivíduos, buscando entender o jogo inter-relacional entre as instâncias subjetivas e objetivas dispostas em uma interação social”(p:55).

O terceiro e último capítulo, apresenta um mapeamento da formação do campo da Sociologia das Emoções no Brasil, e das pesquisas realizadas neste. Segundo o autor, este campo surge no Brasil na década de 1990, seguindo uma tendência afirmativa de campos disciplinares que se expandem pelo país. Abro parênteses aqui, para lembrar o surgimento de outros campos como o da Pedagogia da Infância, da Sociologia da infância, da Antropologia da Criança, durante o mesmo período que o autor cita, reafirmando sua referência a essa tendência.

A categoria das emoções e suas interfaces com a cultura, no entanto, já estava presente em estudos e pesquisas dos fundadores do pensamento das Ciências Sociais no Brasil. O autor faz referência aos estudos de: Gilberto Freyre, nos estudos sobre a cultura e as relações sociais no processo de colonização no Brasil; Sergio Buarque de Holanda com a teoria do homem cordial, entre outros.

Ainda que a temática das emoções fosse importante para as pesquisas brasileiras, tal como ocorreu com os clássicos da sociologia, ela não era objeto de pesquisa central. Ela era tratada de forma abstrata e subsumida nas análises estruturais sobre a sociedade brasileira.

Este capítulo segue apresentando um panorama das pesquisas brasileiras, que vem contribuindo para formação e consolidação do campo da Sociologia e Antropologia das Emoções. Na descrição destes estudos, o autor apresenta nomeadamente os pesquisadores e o título de suas principais pesquisas. Alguns dos autores citados são Roberto da Matta, Gilberto Velho, Luiz Fernando Dias Duarte, Maria Claudia Coelho, Claudia Barcellos Rezende, Mauro Guilher Pinheiro Koury (autor deste livro obra apresentado) entre outros.

Os principais temas dos estudos giram entorno dos modos de vida e comportamentos urbanos, os re-arranjos familiares, amizade, noções de pessoa e de modernidade na sociedade contemporânea, identidade e sistemas de representação, luto, imagens e as formas de sociabilidade, medo entre outros.

São estudos ligados a Sociologia e a Antropologia, o que remete o autor a uma nota explicativa no final do capítulo. Escreve ele, que embora esses campos tenham nascido de um mesmo processo de criação acadêmica nos anos de 1930 no Brasil, e passado por conflitos pela afirmação de suas autonomias enquanto campos próprios, é preciso mensurar que embora

independentes eles são complementares. No campo da Sociologia das Emoções há uma busca de fortalecimento destes campos e de sua inter-relação, no que concerne às categorias da emoção, da cultura e da sociedade.

Nas considerações finais o autor faz uma síntese da sua exposição geral, na tentativa de amarrar, como mais clareza, os fundamentos principais da Sociologia das Emoções. Reafirma que esta parte da ideia que as experiências emocionais singulares de um ator social específico, são produzidas na relação entre os indivíduos, a cultura e a sociedade. Desta forma, busca intensificar a análise sociológica da categoria intersubjetividade, através da introdução de novas perspectivas. Busca ainda, pesquisar os fatores sociais, culturais e psicológicos manifestados nos sentimentos e emoções dos indivíduos sociais, compreendendo que estes estão ligados aos repertórios culturais de diferentes sociedades.

Observo que a síntese aqui apresentada por mim fica a dever na descrição e localização dos trabalhos mencionados pelo autor. No entanto, os nomes dos autores e suas obras citados nesta resenha, podem ser encontrados na bibliografia da obra. Minha exposição aqui tem a intenção de funcionar como um convite para novas leituras e pesquisas.

Sugiro, para os interessados, o acesso à revista Sociologia das Emoções, encontrada no site <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/index.html>, onde é possível localizar vários artigos relacionados aos trabalhos mencionados pelo autor do livro cuja resenha apresento aqui.

Avalio que a apresentação realizada pelo autor possa nos guiar na consolidação do diálogo interdisciplinar, no que concerne ao nosso interesse de compreender as formas relacionais das crianças nos contextos de nossas pesquisas ou práticas em Educação Infantil. Não há menção de trabalhos ou pesquisas que envolvam crianças na Sociologia das Emoções, mas a categoria da intersubjetividade, tratada de forma clara pelos estudos citados, pode nos ajudar na aproximação da ideia da criança enquanto sujeito ativo de suas relações. Considero também, que esta obra possa indicar estudos que auxiliem na compreensão da relação pesquisador e sujeitos pesquisados, na medida em que nos lembra do aspecto emocional, como manifestação social presente em nossas vivências.